

---

**BACO NA TRANSAMAZÔNICA**  
**PARAENSE – O CARNAVAL**  
**REINVENTADO E OFICIALIZADO**  
**NO MUNICÍPIO DE ALTAMIRA, PARÁ**

---

César Augusto Martins de Souza, Gutemberg Armando Diniz  
Guerra

*Resumo: adaptado à escala local, o Carnaval de Altamira reproduz estruturas cênicas e comportamentais dos carnavais praticados na maioria das grandes cidades brasileiras. Recebendo forte apoio e patrocínio do governo municipal e de empresas locais, o evento mobiliza a população de todas as faixas etárias e gêneros para uma manifestação alegre e marcada por símbolos da cultura pagã. A descrição dos blocos de foliões demonstra a presença de elementos estéticos importados. Este texto é resultado de observações realizadas no carnaval do ano de 2003 pelos autores, auxiliados por alunos do Curso de Letras da Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira.*

*Palavras-chave: antropologia urbana, costumes, fantasia, migração rural, identidade*

**A**s manifestações carnavalescas em Altamira vêm se constituindo como uma importante forma de divertimento dos moradores do município e da região, recebendo apoio institucional e se incluindo na agenda de eventos como um momento de lazer e espaço econômico não negligenciável. Região de considerável presença indígena deslocada por novos moradores vindos de todas as regiões do país, principalmente com o traçado da Transamazônica a partir da década de 70, mitos locais foram esquecidos e negados, adotando-se modalidades de diversão comuns nas metrópoles brasileiras, ajustando-as às condições locais. Ocupando um espaço planejado para os desfiles de blocos que exigem estruturas de organização cada vez mais sofisticadas, grupos de amigos se transformam em agremiações carnavalescas de porte, apoiando-se

em cotizações, patrocínios e apoio de empresas privadas e governamentais. Assim, na Amazônia da cobra grande, do curupira, do boi-bumbá, do tambatajá, da marujada, do carimbó, do siriá, do lundu e de uma infinidade de lendas, danças e estilos musicais específicos, ouvem-se estórias e sons de instrumentos e ritmos comuns em todo o território nacional e internacional.

Quais são e como se organizam os blocos de carnaval em Altamira? Em que se assemelham e em que se diferenciam das manifestações de carnaval de outras partes do país? Quem financia e quem participa deles? Que representações se manifestam neste carnaval em plena Rodovia Transamazônica? Estas são algumas das questões que este artigo pretende responder.

## OS MODELOS BRASILEIROS DE CARNAVAL

Em praticamente todos os municípios brasileiros, o período de carnaval é dedicado às brincadeiras feitas pela população em geral, sejam nas ruas, em salões fechados ou em terreiros, cercados, arraiais, conforme a região e os costumes. Algumas dessas formas, entretanto, se tornaram emblemáticas e servem de modelo para aqueles municípios que pretendem demonstrar algum nível de organização e desenvolvimento. Seguem uma espécie de paradigma do rito carnavalesco, imitando as cidades mais famosas e os tipos mais evidenciados pela mídia.

### O Carnaval de Rua

As escolas de samba no Rio de Janeiro e São Paulo, pelo grau de complexidade e sofisticação dos seus desfiles, tornaram-se internacionalmente conhecidas, constituindo-se em praticamente ícones do lazer e do turismo do país. Em cidades menores reproduz-se este modelo de desfile que requer longos períodos de trabalho e investimento em ensaios. Constroem-se alegorias seguindo um enredo composto e ensaiado durante todo o ano, prepara-se uma grande orquestra de percussão (bateria), dançarinos e figurantes. O desfile das escolas obedece a roteiros elaborados por alas e categorias que são analisados por jurados especializados e que dão pontuações que servem para compor a média para premiação. São produções muito caras e que mobilizam recursos financeiros e humanos volumosos.

A tradição de carnaval de rua no país tem seu marco em algumas cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Salvador, cada uma delas guardando algumas manifestações estruturais, embora de estilos diferentes. Inicialmente produzido por pequenos grupos de bairros ou de amigos, saindo em desfiles sem

trajetórias definidas, a prática evoluiu para a formação de grupos estruturados por diretorias constituídas juridicamente como empresas, com mensalidades para aquisição da indumentária, adereços e oferta de infra-estrutura musical, de segurança, alimentação e primeiros socorros. O número de filiados e a complexidade administrativa que adquiriram exigiu formas de controle do Estado assim como investimentos em equipamentos coletivos que favorecessem os desfiles e a assistência confortável por parte do público. Embora permaneçam existindo pequenos agrupamentos espontâneos desfilando no carnaval com pequenas bandas musicais e foliões brincando desgarrados, a prática do agrupamento em blocos e escolas de samba se generalizou, implicando na privatização do espaço público e a criação de estruturas discriminatórias de classes sociais como os blocos de cordão de isolamento, a venda de camarotes e de arquibancadas em algumas destas cidades. Em várias delas se construíram espaços dedicados a estas exposições, denominados de sambódromos, substituindo as avenidas dedicadas aos desfiles e concursos, atendendo a estruturas rituais descritas nos estudos antropológicos (DAMATTA, 1986).

A existência deste padrão de manifestação não exclui a existência de outras como os pequenos blocos e foliões individuais que aproveitam para brincar fora dos limites impostos pela organização dos grupos organizados.

Na área metropolitana da capital do Estado de Pernambuco têm-se guardado a tradição de orquestras de metais e a presença de bonecos gigantes que arrastam multidões pelas principais ruas de Recife e Olinda, sem o mesmo nível de profissionalização coreográfica encontrado nos carnavais do Rio de Janeiro, São Paulo e Salvador. Guardam muita espontaneidade no desfile que se deixa reger pela orquestra, sem cordões de isolamento e sem eletrificação do som.

Os blocos de carnaval de Salvador representam um outro modelo de organização, constituindo-se em verdadeiras marcas com os nomes das bandas musicais, distribuídas em todo o país através de franquias e promoções de carnavais fora de época em muitas capitais brasileiras. Algumas destas franquias mobilizam e movimentam recursos consideráveis. Igualmente surgidos a partir de pequenos grupos de amigos, vizinhos ou grupos de afinidades, organizados em pequenos conjuntos musicais, tornaram-se empresas de produção cultural, com uma estrutura pesada de sonorização elétrica, músicos e bailarinas profissionais, forte patrocínio de empresas e governos estaduais e municipais, além de organização cujo acesso é planejado durante todo o ano, implicando cotizações elevadas para custear parte desta estrutura. Em cidades como Altamira, os grupos se organizam modestamente, embora tentem imitar este modelo de organização.

## CARNAVAL DE CLUBES OU DE SALÃO

É organizado por entidades recreativas em ambientes fechados e restritos aos associados. Existem clubes de diversas categorias sociais. Funcionam como alternativas para o período noturno, permitindo um maior controle do acesso dos associados e costumam promover bailes infantis durante o dia, nos períodos pré-carnavalescos e durante a festa.

### O Carnaval na Floresta

Altamira é uma cidade localizada em plena Transamazônica (BR 230), no meio do estado do Pará, sob as coordenadas geográficas 03°45'12" de latitude sul e 52°12'23" de longitude oeste. O município foi criado pela Lei n. 1.234 de 06/011/1911, assinada pelo Governador do Estado Drº João Antônio Luiz Coelho, e instalado no mesmo ano. Segundo o IBGE, sua população em 2000 era de 77.439 habitantes, com 62.285 (80,4%) considerados urbanos e 15.154 (19,6%) rurais, com uma taxa de alfabetização de 82,8%, abaixo da média do Estado do Pará que é de 83,7%, o mais alto do país, segundo o IBGE (2000). Possui uma infra-estrutura de comunicação, com emissoras de rádio AM E FM e geradora de imagem de televisão, provedor de Internet e jornal local. Quanto a equipamentos de cultura e lazer possui bibliotecas públicas, museus, salas de espetáculo, clubes e associações recreativas, estádios e ginásios poliesportivos, bandas de música e unidades de ensino superior (Universidade Federal do Pará e Universidade Estadual do Pará).

Sua estrutura comercial é diversificada com feiras, mercados e lojas de todos os gêneros, dispersas no território municipal. O município é considerado um dos maiores do mundo com uma extensão territorial de 161.445,93km<sup>2</sup>. Localiza-se a uma distância de 512km, em linha reta, de Belém, a capital do estado, e a 820km pela via rodoviária. Tem o seu limite ao Norte com o Município de Vitória do Xingu; ao Sul com o Estado do Mato Grosso; a Nordeste, Leste e Sudeste com os municípios de Senador José Porfírio e São Félix do Xingu; a Noroeste, Oeste e Sudoeste com os municípios de Brasil Novo, Medicilândia, Uruará, Placas, Rurópolis, Trairão, Itaituba e Novo Progresso. Constitui-se em uma cidade pólo da região Oeste do Estado do Pará, com um importante papel geopolítico.

### O Carnaval de Altamira

Blocos de jovens organizados em torno de conjuntos musicais montados sobre estruturas de grandes caminhões, cordões de isolamento susten-

tados e conduzidos por agentes de segurança contratados pela organização, uniformes coloridos portando o nome do bloco e dos seus patrocinadores, adereços típicos da festa e desfiles programados em espaços rituais institucionalizados são os ingredientes mais evidentes do carnaval de Altamira, em fevereiro de 2003. Existem manifestações coletivas em blocos menores ou de foliões individuais, com especificidade e apropriações feitas dos carnavais de outras cidades do país.

A organização dos blocos carnavalescos de Altamira, inicialmente feita de forma singela e espontânea, vem adquirindo maior complexidade e volume de pessoas em cada um deles. Iniciados por pequenos grupos, atualmente os blocos superam a casa dos três dígitos, exigindo um trabalho especializado para a administração do lazer. Esta ampliada mobilização, sustentada pela cotização dos participantes, tem atraído investidores que condicionam o seu apoio à impressão dos seus símbolos nos uniformes, revelando uma contribuição significativa como co-patrocinadores do evento. As cervejarias, em particular, fazendo reviver as origens da festa pagã, ocupam lugar de destaque nas indumentárias, cartazes, faixas, material publicitário em geral e alegorias dos blocos. O comércio local de todos os gêneros e as empresas de serviços se associam aos blocos através de contribuições que amortizam os custos da organização, constituindo um sustentáculo da festa. Verificando os uniformes dos grupos de foliões, pode-se contar uma gama de patrocinadores, revelando um envolvimento direto destes na festa.

Os blocos que participam do desfile oficial promovido pela Prefeitura Municipal de Altamira, realizado no trecho da Avenida Perimetral, tendo uma parte estruturada com arquibancadas e camarotes, receberam em 2003 um subsídio de um mil e quinhentos reais (R\$ 1.500,00), com o direito de concorrer aos prêmios do concurso.

Somados os recursos das cotizações dos foliões a título da aquisição do direito de brincar no bloco, simbolizado pelo uniforme (abadá), ao patrocínio do governo municipal e dos comerciantes locais, cada grupo tem gerenciado e movimentado uma quantidade de recurso que pode ultrapassar os cinquenta mil reais (R\$50.000,00), sem contar o consumo extra de bebidas e refeições que mobilizam emprego e outros recursos para a festa.

Entrevistando membros diretores dos grupos de brincantes – termo utilizado para conceituar os membros regulares de cada bloco – verifica-se que as histórias de mobilização partem de afinidades primárias como a origem, o pertencimento ao mesmo estabelecimento de ensino, a vizinhança ou a preferência por algum tipo de prática social, determinando a formação

dos blocos, escolas ou agremiações. Cada um destes grupos finda por construir uma identidade que se expressa no título, na música, nos uniformes, na dança.

A espontaneidade de origem dos grupos vem sendo modificada pelo crescimento deles mesmos e pelas relações que se estabelecem com as instâncias da administração municipal responsáveis pela segurança e pelo controle das atividades dos munícipes. Orientando os desfiles para um espaço com capacidade de suporte calculada tanto para os brincantes quanto para a assistência, o governo municipal vem paulatinamente transformando a festividade em um evento cultural de proporções econômicas não desprezíveis. Na proposição de organização do espaço do desfile, a Prefeitura Municipal de Altamira (PMA) arrecada tributos dos vendedores de bebida e refeições, das empresas que administram as arquibancadas e camarotes e, se são feitos subsídios aos blocos, uma vez que organizados segundo estatutos societários determinados, são obrigados a pagar os impostos sobre serviços e outras modalidades comuns de tributação impostas pelo poder público. Nesta primeira investida para compreender o carnaval de Altamira, o volume de recursos financeiros foi uma informação que não se conseguiu obter com precisão. A dispersão da circulação dos recursos financeiros em todos os setores envolvidos exige um estudo específico sobre o assunto. Nota-se, entretanto, que o nível de envolvimento das instituições públicas no evento demonstra sua importância e a sensibilidade do poder público regional para explorar positivamente uma manifestação popular enraizada na cultura brasileira. O mesmo não tem ocorrido em cidades de porte maior, como Marabá, em que o carnaval sempre foi tratado como um evento secundário pela administração municipal, apesar das reivindicações dos grupos ali presentes, resistindo à promoção a cada ano.

As tentativas de associação do poder municipal com a sociedade civil neste tipo de evento não ocorrem sempre em total harmonia. Existem grupos que mantêm suas características, filiações e patrocinadores guardando especificidade e características que originaram o grupo. É o caso dos chamados blocos de sujos, ou de lisos, característico de classes de baixo poder aquisitivo, que mantêm a sua autonomia e por isso se mantêm pequenos e com indumentárias cuja unificação se dá pelo tema e não pela uniformidade da indumentária.

O mais antigo dos blocos da cidade de Altamira é a Escola de Samba Unidos da Ponte, fundada em 1986, por Dona Maria Barateira. É uma agremiação feminina, caracterizada pelo vestido de baianas estilizadas, uma

música-tema e patrocínio. O material publicitário disponível indica o apoio de um supermercado local e traz três pequenas estrofes a título de samba enredo para o ano de 2003. Uma mulher jovem trajada de baiana serve como atrativo e indica um investimento estético importante tanto do material publicitário quanto do próprio bloco. A fundadora da Escola de Samba é originária da Bahia, o que pode ser uma das explicações para a temática do vestiário, embora se saiba da recorrência do tema nas escolas de samba de todo o país.

O Bloco das Piranhas, composto de aproximadamente 150 figurantes, é apoiado por um açougue tradicional da cidade de Altamira. Fundado em 1989, reúne homens que aderem espontaneamente, vestidos de mulheres, e desfilam por uma trajetória do bairro onde se localiza o açougue. Eventualmente passam pelo espaço oficial do carnaval, no centro da cidade, mas a sua característica é a promoção da animação dos moradores daquele bairro. As vestimentas e as caracterizações são feitas livremente pelos membros do bloco. Não há uma diretoria ou organização formal senão o estímulo feito pelo comerciante de carnes que fornece churrasco e bebida gratuitamente. Ele estabelece um ponto para a saída do desfile e contrata uma orquestra simples, com poucos componentes portando instrumentos de percussão e sopro. A espontaneidade em nada diminui a valorização do bloco aos olhos da população, sendo o desfile aceito pela maioria como uma manifestação divertida e pacífica. É um bloco que tem uma característica marcante de gênero, os homens imitando as mulheres de forma jocosa, manifestação comum em boa parte dos municípios brasileiros. A figura de Vadinho, esposo de D. Flor, no romance de Jorge Amado, com cenário em Salvador, é um dos ícones inspiradores deste tipo de manifestação.

Outro bloco da mesma natureza, com baixo nível de reconhecimento, mas efetivo no carnaval de Altamira é o Égua Elétrica. Encontramos informações sob vários ângulos a respeito deste bloco que seria constituído de moradores do Bairro Brasília, desde o ano passado (2002), associando a figura do luar com uma aparelhagem de som que animaria o grupo. O Bairro Brasília é representado no discurso dos moradores da cidade de Altamira como o espaço de periferia, onde a violência é uma marca. Ocorrências policiais, mesmo no carnaval, envolvendo membros do bloco, reforçaram uma imagem negativa do bairro, de forma que o bloco não foi visto desfilando no espaço central da cidade em 2003.

Cinco blocos de jovens dão o tom do carnaval de Altamira. O bloco Acerola, com sede no centro da cidade, não se caracteriza por um território específico. Arregimenta jovens de todos os pontos da cidade e tem a repu-

tação de ter em seus quadros membros da classe média alta e da elite do município. Fundado em 2002 com 700 pessoas, em 2003 desfilou com 1.100 figurantes vestidos de abadá, bandana, com suportes de segurança, trio elétrico, banda de músicos e dançarinos. Cobrando uma cotização entre quinze e dezesseis reais, o bloco teve o patrocínio de amplo setor do comércio e serviços da região, o que teria somado um montante de aproximadamente trinta mil reais.

O Biruta foi fundado em 1996 com aproximadamente 50 pessoas que se associaram em 2003, com uma cotização de quinze reais, com direito a abadá e bandana. Surgiu da organização de estudantes de 2º grau de duas escolas da cidade de Altamira (Centro Educacional Adma Darwich e Instituto Maria de Matias), que reúne a classe média da cidade. Estes colégios possuem espaços de lazer e uma tradição de manifestações culturais de muito boa reputação na cidade. O material publicitário do bloco revela muito do espírito jovial que anima o grupo, tendo como marca um desenho que materializa características físicas dos fundadores. O nome do bloco tem o R invertido, dando o sentido do nome do bloco. Ter-se-ia se inspirado em um bloco de Salvador e, por isso, para efeito de registro, teve que adotar o singular sem o artigo como marca.

O Bloco do Tigrão tem o seu nome inspirado em um conjunto de *rap* do Sul do país e teria sido dado pela namorada de um dos seus diretores fundadores. Fundado em 1998 com cinco pessoas que freqüentavam um clube chamado Associação Recreativa dos Subtenentes e Sargentos de Altamira (Aressa), é composto de pessoas de classes sociais diversas. Em 2003 chegou a reunir 1500 figurantes caracterizados com abadá e bandana.

O bloco Canibais foi fundado em 2000 e vem aumentando em muito o número de seus participantes. Em 2002 teve 700 e atinge, em 2003, o número de 1300 figurantes no seu desfile. Cobrando uma cotização de quinze reais para acesso ao bloco, conseguiu financiamento de ampla camada de empresários regionais. Oferece, além do uniforme, o aparato necessário de música e segurança. Reúne membros da classe alta da região.

O Caça-Cachaça é uma agremiação com o título inspirado pelo filme os Caça-fantasmas. Daí a sua marca ser representada por um fantasma. Surgiu da reunião de moradores dos municípios de Santarém, Itaituba e do Piauí, adeptos da freqüência regular aos bares da cidade. Fundado com 36 pessoas, em 2000, o bloco reuniu 1.400 figurantes em 2003. Ofereceu, além do uniforme composto de abadá e bandana, trio elétrico, segurança, locutores, cantores e dançarinos. A cotização foi de quinze reais em 2003, e o bloco teve financiamento de vários comerciantes locais.

Os cinco blocos receberam financiamento da prefeitura municipal e da cervejaria Cerpa (Cerveja do Pará), indicando uma cooperação entre poder público e direção destas organizações para reforçar o carnaval local. O financiamento da cervejaria, que tem no seu nome o estado de sua fabricação, permite uma releitura da associação entre o carnaval e as festas européias pagãs, valorativas do culto de Dionísio e Baco. De uma certa forma, podemos falar de uma edição amazônica moderna dos mitos greco-romanos.

O *slogan* acima pode ser encontrado em diversos textos publicitários dos principais municípios do Estado do Pará. Indica a tentativa de afirmação de uma marca que possa atrair pessoas para a manifestação cultural, igualmente fonte de recursos econômicos significativos para a administração local. O Município de Altamira tem investido com seriedade e profissionalismo na consolidação do carnaval, mobilizando recursos financeiros na construção de equipamentos coletivos, recursos humanos na montagem do evento e articulando-se com a sociedade civil no que concerne à organização e ao desenvolvimento do carnaval. Um espaço da cidade já se encontra destinado para os desfiles. A maioria dos blocos recebeu apoio financeiro para custear parte de sua organização. Os comerciantes foram cadastrados e delimitados os seus espaços para a venda de bebidas e mercadorias conforme critérios básicos de higiene e saneamento. Parte dos serviços de montagem da festa está sendo terceirizada e a publicidade do serviço de comunicação tem sido intensificada para a difusão do evento.

A crer no que tem acontecido nos últimos anos, a perspectiva é que o carnaval de Altamira se torne uma opção concreta de lazer para os habitantes da região, aumentando as possibilidades de emprego e se constituindo em uma alternativa econômica para o município. A associação entre atores sociais presentes na região, capitaneados por organizações de comerciantes e empresários de setores da alimentação e hotelaria, pode ser determinante nesta construção. Alguns problemas e limites permanecem neste tipo de atividade e, em outros, por conta das características da fronteira. A violência que tem sido uma das marcas deste espaço inibe ou impede o crescimento e consolidação destas alternativas

## CARNAVAL E VIOLÊNCIA

Embora investimentos significativos tenham sido feitos explicitamente pelo poder público municipal e pela sociedade civil na construção de uma imagem positiva do carnaval de Altamira, alguns eventos têm interferido no sentido negativo desta construção. A violência, característica os espaços em

definição, como é o caso da fronteira agrícola que a Transamazônica representa, é parte do cotidiano da população, mas adquire feições simbólicas quando ocorrências têm lugar nos dias da festa. A publicidade oficial e dos grupos carnavalescos de Altamira investiram em *slogans* sobre a paz, inspirando-se tanto em manifestações contra a guerra do Iraque quanto contra a violência banalizada pelos meios de comunicação do país. Em 2003, no primeiro dia de abertura do carnaval de Altamira, um jovem foi assassinado à arma branca, estabelecendo um clima de apreensão entre os brincantes. Apesar do acontecimento mórbido, a festa continuou sem maiores incidentes.

Um dos problemas dos eventos de massa é a necessidade de um investimento efetivo em segurança e no fortalecimento da participação dos cidadãos no que concerne aos direitos básicos. A formação de blocos muito grandes e o estímulo à rivalidade entre eles podem ser uma faca de dois gumes se não forem bem conduzidos. Ambiente propício aos excessos de bebida e ao consumo de tóxicos, momento de liberalização das formalidades e de flexibilização do comportamento e das regras de convivência, em áreas onde os direitos ainda não estão consolidados, tornam-se domínios propícios à agressão.

Os resultados positivos dos carnavais produzidos podem ser motores importantes da construção e consolidação de um sentimento elevado de cidadania e, neste sentido, o carnaval que tem sido um dos momentos de exacerbção da violência, pode ser também um momento de manifestação de pacifismo e cordialidade.

## Referências

CAVALCANTI, M. L. Viveiros de Castro. In: \_\_\_\_\_. *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

DAMATTA, R. *O que faz o brasil Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986,.

DAMATTA, R. Dona Flor e seus dois maridos: um romance relacional. *Revista Tempo Brasileiro* 74, Rio de Janeiro, p. 3-33, 1983.

IBGE. Censo 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo/default.php>>. Acesso em: 10 ago. 2003.

IBGE. Pesquisa de Informações Básicas Municipais - 2001. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/perfil/index.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2003.

PORTAL ALTAMIRANET. Disponível em: <[http://www.altamiranet.com.br/banco\\_dados/localiza.asp](http://www.altamiranet.com.br/banco_dados/localiza.asp)>. Acesso em: 10 ago. 2003.

*Abstract: adapted to the local scale, Carnival in Altamira City reproduces the stage and behavioral structures of Carnivals practiced in mostly big Brazilian cities. Getting great support and sponsorship by the municipal govern and local companies, the event mobilizes the population of all age groups and genders to a happy celebration and characterized by symbols from the pagan culture. The description of the party participants groups shows the presence of foreign beauty elements. This text is the result of observations realized at the Carnival in 2003 by the authors with collaboration of Modern Languages students at the Federal University of Para, Altamira Campus.*

*Key words: Party, urban anthropology, customs, costumes, rural migration, identity*

CÉSAR AUGUSTO MARTINS DE SOUZA

Professor na Universidade Federal do Pará, Campus de Altamira. *E-mail:* cesar@ufpa.br

GUTEMBERG ARMANDO DINIZ GUERRA

Professor na Universidade Federal do Pará, Centro de Ciências agrárias. *E-mail:* gguerra@ufpa.br